

BARTZ, Frederico Duarte. *O Horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920.* Porto Alegre: Sulina, 2017. 319 pág.

Kauan Willian dos Santos¹

O avanço da História Social, principalmente a de matriz marxista inglesa, refletiu intensamente sob a historiografia do movimento operário no Brasil. Acompanhando a redemocratização política no país, o avanço da liberdade de pesquisa nas universidades, somado ao interesse dos pesquisadores em colocar grupos subalternos e explorados nas pesquisas acadêmicas, muito pelo avanço dos movimentos sociais, mas também pela corrente historiográfica já citada, fez com que a história de trabalhadores e trabalhadoras, bem como seus comportamentos, passando desde a cultura, mas também suas expressões políticas, fossem colocados em cena. Desde aí, uma das considerações importantes dos historiadores debruçados ao movimento operário brasileiro, nesse caso podemos citar a autora Silvia Petersen², foi descentralizar uma narrativa que analisava o eixo Rio-São Paulo e tornava esses casos padrões para o restante do país. O típico caso do anarquista italiano paulista ou do trabalhismo carioca escondia outras expressões políticas e até culturais do movimento operário em outros lugares e não dava conta da intensa multiplicidade para a compreensão do fazer-se da classe trabalhadora. É relevante mencionar também uma preocupação dessa expressão historiográfica citada, ainda mais recentemente com as reflexões de Marcel Van der Linden a partir da “História Global do Trabalho”, sobre não confundir uma história regional com regionalismo e também transformar especificidades em grandes padrões, como fizeram anteriormente com os polos industriais citados e, ao invés disso, analisar as múltiplas conexões e escalas regionais e internacionais na análise do movimento operário³.

Um ótimo exemplo dessa prática historiográfica pode ser acompanhada na obra de Frederico Duarte Bartz, resultado modificado da sua dissertação de mestrado, defendida em 2008 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O historiador, hoje doutor em História e técnico educacional pela mesma instituição, se atenta em percorrer as diferentes tendências de militantes e organizações diante da Revolução Russa no Rio Grande do Sul. Nesse movimento, recusa interpretações simplórias que

¹ Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista (CAPES). E-mail: kauanwillian09@gmail.com

² Ver PETERSEN, Silvia. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, vol. 03, n. 03. 1995.

³ LINDEN, Marcel Van der. **Trabalhadores do Mundo**: ensaios para uma história global do trabalho. São Paulo – Campinas: Unicamp, 2013.

colocaram as organizações comunistas nascentes daí como resultado quase mecânico e direto do evento revolucionário, mas também rebate afirmações de que alguns grupos e organizações não “entenderam” o processo soviético, colocando como autonomista ou até mesmo um confucionismo ideológico dos grupos que seguiram posições e estratégias a partir de suas avaliações e experiências concretas da realidade em que viviam. Nesse sentido, também contesta narrativas militantes que colocaram o avanço do bolchevismo como um suposto amadurecimento do movimento operário nesse estado e no país, escrito por militantes comunistas, mas também como algo que subverteu a classe trabalhadora do seu aspecto autônomo e libertário, como escreveram alguns anarquistas. Na realidade, Bartz afirma que

[...] Não pretendia estudar esse impacto da revolução somente visando uma mudança de orientação ideológica, nem tampouco tendo em vista uma defasagem entre o que diziam os militantes gaúchos e o que faziam os revolucionários russos, mas desejava entender as referências e os atos inspirados na revolução nos termos das próprias experiências desses militantes (BARTZ, 2017, p.281).

59

Para isso, tal análise deve se centrar muito nos antecedentes ideológicos e políticos do movimento operário no Rio Grande do Sul, bem como suas conexões no país e no mundo, mas também conhecer os debates sobre os significados da Revolução Russa, suas formas de apropriação por grupos políticos, classes sociais e até tendências religiosas e culturais em diversos lugares, coisa que o autor consegue realizar bem, perceptível na operação de seu objeto. No caso, o jogo de escalas entre o internacional, o nacional, o local e o individual fica nítido em diversas vezes da sua obra, usando um extenso repertório documental que passa por periódicos do movimento operário no Rio Grande do Sul e do Brasil, jornais da grande imprensa, cartas e diários de militantes, folhetos, opúsculos, e uma ampla bibliografia internacional e nacional, refletindo também na divisão da obra.

No primeiro capítulo “O círculo que se expande indefinidamente”: a Revolução Russa e seus impactos internacionais”, é analisado exatamente a discussão no mundo e no Brasil pelos diferentes grupos ideológicos no movimento operário, sobre o processo soviético e também pelos diferentes significados do bolchevismo nas alianças e rupturas feitas entre os militantes, além das mudanças e debates no avanço da revolução, assim como no seu desenvolvimento e amadurecimento.

No capítulo “Hosanna, Hosanna, filha da justiça que vens para nós em nome da liberdade: a experiência operária no Rio Grande do Sul e as primeiras interpretações da Revolução Russa pelos trabalhadores organizados do estado”, Bartz adentra as especificidades da tradição organizativa pelo movimento operário do Rio Grande do Sul, que teve uma origem hegemônica pela social-democracia, inclusive na construção da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), o que diferia do caso paulistano e carioca, onde a estratégia do sindicalismo revolucionário pelo anarquismo estava na base das federações operárias mais centrais. Não obstante, é analisado a emergência das

táticas e da estratégia sindical libertária no início da segunda década do século XX, onde militantes anarquistas conseguiam certa liderança, mesmo com disputas acirradas entre outros grupos, fato que será essencial nas interpretações e estratégias quando o bolchevismo foi alastrado e interpretado por esses.

No terceiro capítulo, “A humanidade é um turbilhão e o mundo um crepitar de chamas”: as transformações nas formas de interpretar a Revolução Russa no ano das grandes greves, novas experiências, novas formas de luta”, o autor adentra o processo de ressignificação da Revolução Russa pelos militantes e associações durante a onda grevista e insurrecional que tomou conta do Brasil, mas também do estado, principalmente em Porto Alegre. Nessa parte, é iniciado a análise das diferentes visões para a absorção da Revolução Russa dentro de experiências e tradições já existentes, isso inclui os anarquistas, que longe de desprezarem uma revolução que começava a ganhar cada vez mais contornos marxistas, realçavam o papel dos ganhos dos trabalhadores pelas “vias próprias” e da organização sindical nos soviets pelos libertários, embora não eram ingênuos acreditando que se tratava de uma revolução libertária, mas também os socialistas que, a partir daí, emergiam novamente ao movimento operário, usando o bolchevismo e o ganho da revolução como alavanca em seus discursos e práticas. O autor também analisa as disputas de narrativas do evento entre esses e os jornais representantes da classe média e da burguesia.

No capítulo “Parecerá absurdo que um libertário que tem por lema a paz e a concórdia exclame: Salve a Revolução”: a identificação dos militantes com a revolução e as aproximações contraditórias com o sonho revolucionário”, o autor adentra os possíveis motivos para cada grupo ideológico, político e social se assemelhar com a Revolução Russa ou mesmo a criticá-la no período ou posteriormente, isso passa não só pelas escolhas e afinidades políticas entre socialismo ou anarquismo, mas também é analisado as trajetórias individuais, percorrendo o grupo étnico, a religião, as estratégias e alianças ou desentendimentos feitos antes, o que torna a obra muito mais densa do que a maioria que já foi feita com essa tema ou objeto. O método de “deixar a fonte falar”, a partir da demonstração de trechos escritos pelos militantes, comum na História Social inglesa, é bastante utilizada nessa parte, não excluindo o contexto e a interpretação do documento.

Mesma densidade é encontrada no capítulo “A vossa fraqueza é filha da vossa divisão – uni-vos, pois! E não haverá força alguma que possa vos enfrentar: associações comunistas do Rio Grande do Sul e suas relações com grupos similares do país”, onde o autor revela os debates organizativos no movimento operário levando em considerações seus ganhos e perdas a partir da onda grevista e insurrecional, avaliando também o bolchevismo e os caminhos da Revolução Russa, bem como o contato translocal dessas associações e a vontade de uma inserção nacional do movimento operário no país, embora, na nossa visão, falte um debate sobre a organização política anarquista e o dualismo organizacional que fez, além do bolchevismo, anarquistas optarem por grupos anarquistas mais estruturados ou mesmo comunistas.

No sexto e último capítulo, “Não se consegue descrever o que se passou na cabeça de boa parte dos nossos velhos amigos – num piscar de olhos tornaram-se nossos

inimigos”: balanços e perspectivas do movimento operário gaúcho em relação ao futuro da Revolução Russa”, é evidenciado a fragmentação do movimento operário no início da terceira década do século XX, quando anarquistas e sindicalistas romperam com o bolchevismo e também quando comunistas passaram a disputar sindicatos a partir de outra visão que não era do sindicalismo de ação direta. Evidentemente tudo isso é medido com a força que a repressão ganhava no período bem como as antipropagandas dos jornais da grande imprensa contra a Revolução Russa e o movimento operário, assim como o crescimento do nacionalismo entre a população, análise que combate tanto interpretações que colocaram o debate entre anarquistas e comunistas como o principal motivo da derrocada do movimento operário no Brasil, mas também interpretações que colocam apenas a repressão, sem os debates internos dos militantes, como peso único para uma queda de força do operariado organizado, complexificando e mostrando os multifatores na conjuntura.

Aliás, complexificar um debate que parecia passado, as expressões políticas entre os trabalhadores, foi a missão do autor na obra, que o fez muito bem. Mas, mais do que isso, e mais do que mostrar os limites concretos das ações de militantes e trabalhadores diante de um dos maiores exemplos revolucionários no mundo, Frederico Bartz evidencia que, mesmo aparentemente derrotados, os sonhos, as vontades e o almejo desses personagens deixaram tradições para lutarmos num mundo que parece avançar as ideias de desigualdade e opressão. Não obstante, evidencia que sem essa luta e sem nossas próprias vontades, essa realidade e opressão seria ainda mais latente.

61

Recebido em: 01.11.2018

Aprovado em: 08.11.2019

DOI: <https://doi.org/>